
UNIVERSIDADE ESTADUAL DE GOIÁS
PRÓ-REITORIA DE EXTENSÃO, CULTURA
E ASSUNTOS ESTUDANTIS
II SIMPÓSIO DE EXTENSÃO, CULTURA E ASSUNTOS ESTUDANTIS
13 e 14 de junho de 2013

UMA VIAGEM PELO MUNDO DA FANTASIA ATRAVÉS DA CONTAÇÃO DE HISTÓRIAS

Prof^a. Dr^a. Marilena Julimar Fernandes – UEG/UnU de Pires do Rio

O projeto tem como proposta formar, com acadêmicos dos cursos de História, Letras e Pedagogia, um grupo de Contadores de História e, a partir de então, esses mesmos acadêmicos contarão histórias previamente selecionadas e memorizadas para os alunos da Escola Estadual José Pio de Santana de Ipameri-Goiás e para a comunidade acadêmica da UEG/UnU de Pires do Rio. O Projeto possibilita que a Universidade realize a extensão de suas ações cumprindo um importante papel social, através das atividades desenvolvidas pelos acadêmicos, que se caracterizam como inclusão social, estabelecendo um elo de comunicação e de interação entre os alunos do Ensino Fundamental, comunidade e os contadores de histórias, exercendo um trabalho de cidadania e de aplicação de conhecimentos adquiridos na Universidade.

Nesse sentido, os objetivos propostos para o projeto são: formar um grupo de contadores de histórias, incentivar a leitura, preservar a memória popular, contribuir com o processo ensino/aprendizagem, trabalhar a expressão cênica dentro do exercício de contação de histórias e possibilitar a integração entre universidade e comunidade.

Lembrando que apesar de não estar tão presente na infância da maioria das crianças de hoje, as histórias são temas de várias discussões e entre os diversos autores que discutem essa questão destaca-se, em um primeiro momento, Maffioletti (1992), que enfatiza que a criança tem a necessidade de fantasiar, ela precisa criar um ambiente de paz e segurança para si mesma e para isso as histórias tem a uma função essencial, fazer com que a criança

consiga conservar a tranquilidade e ganhar confiança na socialização e, a autora ressalta, também, a pouca valorização das histórias nas escolas e, assim as histórias que fazem parte da cultura popular acabam sendo esquecidas.

Hoje já não se vê pessoas contando histórias seja nas ruas, nas praças, nos quintais como era antigamente, é raro ver crianças comentando, sobre aquelas histórias que traz anos de sabedoria e riqueza sintetizada no imaginário popular. O papel dos educadores na preservação das histórias é importante, a necessidade de compartilhar com as crianças, aspectos de suas vidas e repassar o que foi aprendido um dia. Percebe-se, então a importância que assume a formação de um grupo de contadores de histórias para que estas sejam preservadas e colaborem com a relação ensino/aprendizagem.

Não pode-se deixar de perceber que as cantigas e brincadeiras de roda é um traço importante da nossa cultura que é riquíssima. Pesquisar este tema é uma grande oportunidade de reviver o passado quando elas estavam presentes na vida das pessoas e pensar que elas não devem ficar esquecidas e sim serem resgatadas, pois devem fazer parte da vida das crianças de adultos de hoje.

Para Prieto (n.d) falar em literatura oral no Brasil é falar de um país que muitas pessoas supõem que não mais existe, nesse sentido, várias manifestações culturais deixaram de ser entendidas como próprias do povo. A partir dessas ideias, pode-se afirmar que contar histórias – assim como ouvi-las – é uma experiência humana insubstituível. É comum encontrar-se associados: o ato de contar histórias e o público infantil.

De fato, um dos caminhos para integrar as crianças no universo cultural, construído ao longo dos séculos, é contar-lhes histórias imaginativas. Além da função de resgate da cultura, essa atividade proporciona momentos em que o ouvinte trabalha mais intensamente, e de maneira individualizada, o seu imaginário. Há, portanto, uma função psíquica formadora na contação de histórias. Além, é claro, do natural prazer e divertimento de poder compartilhar

narrativas inventadas.

Há, contudo, uma omissão imperdoável na crença de que apenas as crianças gostam e devem ouvir histórias. Os adultos recebem, com igual prazer, encantamento e curiosidade. São formas narrativas apoiadas no suspense, no inesperado, no enredo cheio de mudanças para manter a atenção do leitor. O contador de histórias tem igualmente essa atenção à reação dos seus ouvintes, sempre pronto a causar efeitos imediatos de riso, angústia, expectativa, mas também de contar histórias que façam pensar. Contar transforma-se, assim, numa herança que legamos aos outros. Herança composta por experiências, desejos, sentimentos, histórias ouvidas e vividas. Ao contá-las, exerce-se um ato de generosidade.

Nesse sentido, lembra-se que o princípio da indissociabilidade das atividades de ensino, pesquisa e extensão são fundamentais no fazer acadêmico. A relação entre o ensino e a extensão conduz as mudanças no processo pedagógico, pois alunos e professores constituem-se em sujeitos do ato de aprender. Ao mesmo tempo em que a extensão possibilita a democratização do saber acadêmico, por meio dela, este saber retorna à universidade, testado e reelaborado e o recurso da contação de histórias torna-se indispensável nesse processo.

REFERÊNCIAS

MAFFIOLETTI, Leda; RODRIGUES, Jussara H. **Cantigas de Roda**. 4 ed., Porto Alegre: Magister, 1992.

MALUF, Cristina Munhoz. **Brincar Prazer e Aprendizado**. Petrópolis: Vozes, 2003.

MINAMI Thiago. **A Arte dos Contadores de História**.

<http://revistaescola.abril.com.br/lingua-portuguesa/pratica-pedagogica/arte-contadores-historias-424043.shtml>

PRIETO, Benita. **Contadores de histórias** - Guardiões das culturas populares
<http://ciganagabriela.blogspot.com.br/2010/04/texto-contadores-de-historias-guardioes.html>